



Foto: Agência Extra

Mailson: "Vamos obter um bom acordo, fundamental para tranquilizar empresários e trabalhadores".

Mailson: conversão da dívida em bônus. Para "descomplicar".

A "descomplicação" da conversão da dívida externa em capital de risco foi anunciada ontem em Belo Horizonte pelo ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega. Ele explicou que a primeira medida neste sentido será a apresentação de proposta amanhã ao Conselho Monetário Nacional (CMN) de desvinculação do bônus da conversão da dívida, podendo a conversão ser realizada inclusive com a cessão de direitos a investidores que têm interesse no Brasil, sem a necessidade de que isso se faça com subscrição de bônus ou com adesão pelo banco ao esquema de bônus brasileiro.

Segundo o ministro, que proferia palestra para 120 empresários reunidos na Federação das Indústrias de Minas (Fiemg), a resolução de conversão da dívida do CMN já foi assinada há dois meses, mas o processo não foi até o momento iniciado devido às complicações atuais. Garantiu que, com a medida a ser proposta, a conversão da dívida será finalmente desencadeada. Disse que outras alterações para simplificação serão propostas, mas que a principal de todas será a desvinculação do bônus. Informou também que o Banco Central divulgará com rapidez e eficiência a regulamentação, ou seja, os detalhes que serão observados na conversão.

Sobre a dívida externa, afirmou Mailson da Nóbrega que a expectativa é de que serão concluídos rapidamente acordos de médio prazo. "Entendemos que o clima está

mudando e que a credibilidade do Brasil está sendo recuperada. Vamos obter um bom acordo que será fundamental para tranquilizar empresários e trabalhadores, na medida em que os investimentos retornarão".

O ministro não antecipou qualquer detalhe sobre as propostas brasileiras, justificando que "elas serão postas na mesa, sem divulgação antecipada. São muitas as alternativas que podem contribuir para a normalização do relacionamento com a comunidade internacional, sem que apenas uma parte ganhe. Estamos convergindo para um ponto intermediário, porque já é consenso de todos que o Brasil precisa reverter a situação de exportador de capitais, via cooperação e não confrontação".

Déficit

Mailson da Nóbrega voltou a apontar a unificação dos orçamentos como "o mais poderoso e importante" instrumento com que conta o governo a partir de agora "para a contenção do gigantesco déficit público" que, em termos nominais, já atinge de 25 a 30% do Produto Interno Bruto (PIB). Disse que, "de mãos dadas com a Seplan, o Ministério da Fazenda irá envidar todos os esforços num combate eficaz ao déficit, fruto de grandes distorções acumuladas ao longo de anos pela multiplicidade orçamentária, que permitia ao Conselho Monetário Nacional atender a pedidos de recursos fora do orça-

mento. Estando agora submetido ao Congresso, o ministro da Fazenda pode dizer não porque a lei passou a impedir que digamos sim".

Disse que, ao longo dos últimos 25 anos, "os ministros da Fazenda adquiriram poderes de autorizar gastos de causar inveja a qualquer rei absolutista da Europa antiga, podendo, mediante uma simples assinatura, criar linhas de crédito ao seu bel-prazer para socorrer empresas em dificuldades, gerando endividamentos, déficits, e agora isso acabou, só podendo ser gasto o que for aprovado pelo Congresso. Mas não vamos ter a ilusão de que, após 20 anos de primitivismo, passemos a ter de imediato um orçamento como o da Inglaterra ou dos Estados Unidos. No controle de nosso déficit, os resultados surgirão a médio e longo prazos".

Para Mailson da Nóbrega, a inflação, "nosso inimigo público número um", sairá fora de controle caso não seja atacado "o monstro do déficit". Reiterou também que não está mais nos planos do governo qualquer ação heróica como medidas de choque ou congelamento de preços, que não demonstraram ser eficientes contra a inflação.

Segundo o ministro, o governo não quer controlar preços mas espera que, do lado das empresas, esta liberação seja utilizada com responsabilidade. Disse que o Ministério da Fazenda está acompanhando de perto todos os setores com os preços liberados.